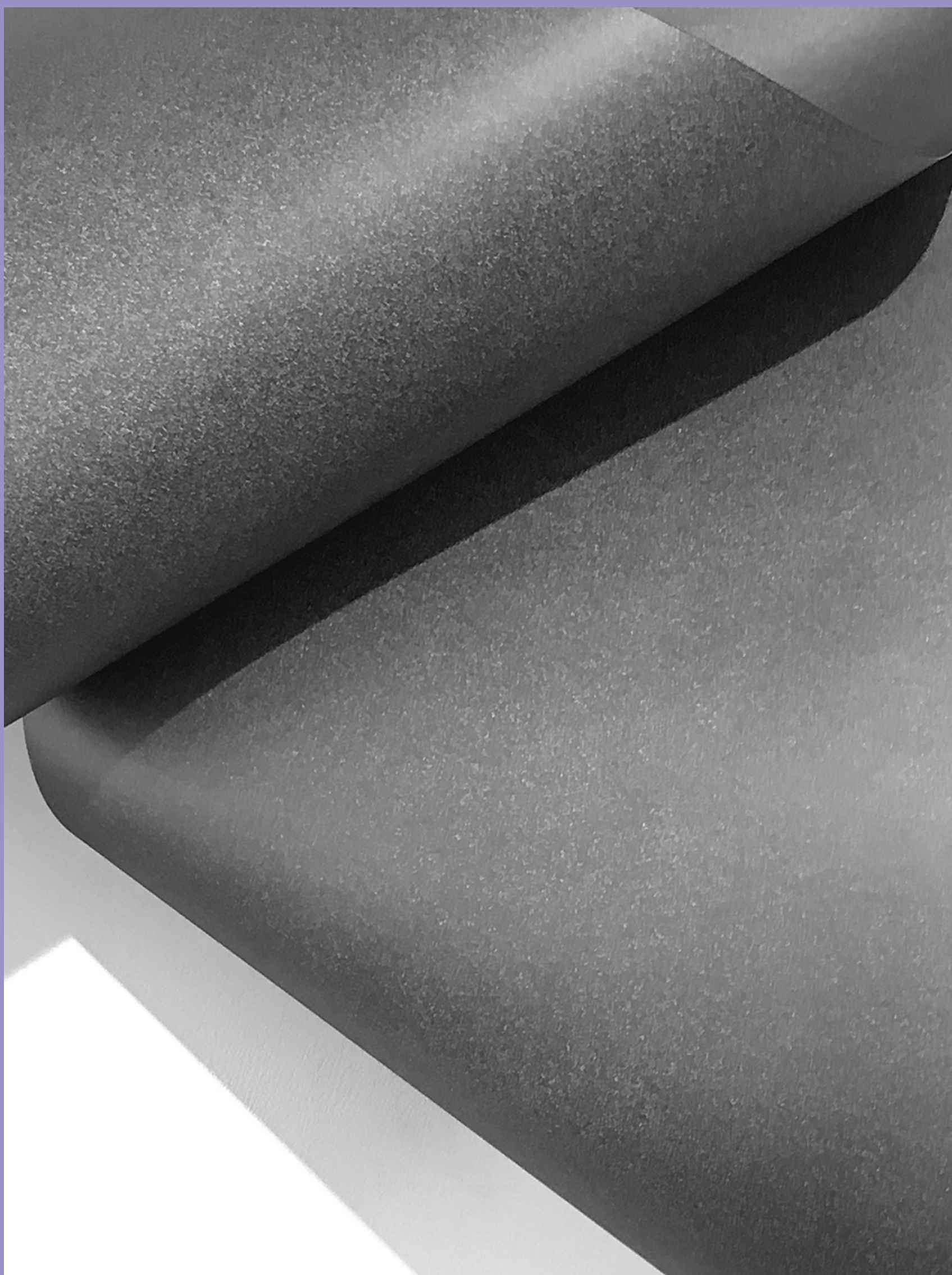


Please slide right for ENGLISH VERSION

14.05.22 —
11.09.22



DIOGO PIMENTÃO

Por Completar
To Be Completed

C A S A D A C E R C A

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre

CMA —
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

O campo de trabalho de Diogo Pimentão é o desenho, mas, na sua obra, estende as fronteiras tradicionais desta disciplina, torna-as maleáveis e transporta o desenho para o campo da escultura, instalação, performance, vídeo... numa exploração, que tem tanto de complexa, como de ousada e inventiva, do que pode uma folha de papel e um pedaço de grafite.

Grafite e papéis são as suas ferramentas primárias, assim como é o seu corpo e o espaço onde as obras habitam. Interessa-lhe a materialidade das suas ferramentas, domina cada uma delas; mas fascina-o as possibilidades que oferecem e que estão para lá do seu controlo.

Fala de como um lápis é algo profundamente simples e frágil. Algo que todos nós já usámos, que se adapta à mão de cada um, que transportamos nos nossos bolsos, carteiras, atrás das orelhas, que se parte facilmente, e que, na sua fragilidade, tem a potencialidade de desenhar o mundo ou de escrever uma revolução. Num lápis verde cabem todos os jardins, num de grafite todas as palavras. Para além de explorem a materialidade das ferramentas do desenho, cada vez mais, as suas obras oferecem uma visão do mundo: agressiva, mas também de esperança.

Começemos pela terra. Três bolas de terra com proveniências associadas à biografia do artista: França, Inglaterra e Portugal. Intitulada *Hand* (mão), esta obra

abre a exposição e propõe logo uma ligação do desenho com o gesto artístico e a mão do artista. Uma mão que molda a matéria, que a transforma, que a controla, mas que é profundamente influenciada por ela. A peça fala também da própria matéria como individual, autônoma, singular. Cada terra, cada pedaço de grafite, cada folha de papel é única e diferente de todas as outras.

Come surgiu de um acidente no atelier do artista. As pontas de grafite, colecionadas por Pimentão durante anos, caíram ao chão e na mancha que formaram o artista encontrou letras. Este desenho, criado durante a pandemia, sugere o lançamento perfeito de dados mostrando o número desejado, mas acabando antes por revelar ansiedades não ditas. As letras h, e, l, p, w, i, l, l, l, c, o, m, e podem ser reorganizadas consoante quem as instalar. De perto, porém, o desenho desfaz a letra e apresenta o objeto da sua elaboração.

O desenho ganha uma carga escultórica: *Area (program)* é uma instalação de um conjunto de pequenas esculturas em cimento, cobertas por grafite e que apresentam marcas de dedos do artista impressos durante o processo de secagem, e inscrições transferidas, à escala real, dos livros das escolas primárias dos seus filhos; *Walldrawing (anotações)* é um desenho que inicialmente realizado sobre a parede do atelier do artista. Depois de concluído, Pimentão arrancou a tinta da parede que continha o desenho, transformando-o num puzzle impossível e transferindo-o para o chão da galeria. Cada pedaço traz consigo a memória quer do gesto da sua criação, quer da própria parede.

Wait (way #3 e #4) são desenhos monumentais — papel impregnado de grafite e dobrado sobre si mesmo. As dobras, meticulosamente realizadas, transformam

a folha plana numa coluna sobredimensionada, a qual adquire uma função aparentemente estrutural do edifício. Ao interferir com a arquitetura, altera a leitura e a experiência da sala. Uma linha mestra intrinsecamente frágil, que tem tanto de real como de imaginária, à maneira de tantas outras que definem a nossa existência.

A tensão entre fragilidade e robustez permeia toda a exposição; é estrutural do trabalho quer física, como conceptualmente. Por vezes, as obras de papel chegam a parecer serem metálicas, fortes, alicerçadoras, inquebráveis. Outras vezes a fragilidade é vertiginosa como em *Eventement (dessin)*: uma casca de ovo estilhaçada, encontrada num passeio, que poderia sugerir ou o nascimento de um pequeno pássaro e a sua libertação do seu casulo, ou um ovo violentamente atacado por um predador. Pimentão recolhe-o e preenche o seu interior com grafite. Usa-o como suporte, evidenciando por um lado que tudo pode ser visto como desenho e pode ser transformado pelo gesto artístico, mas, por outro, lado revelando a violência do ato riscador.

As ideias do ato violento e transformador, de exaustão e excesso estão na base da criação das séries *Lumen* e *Rounding*. Ambas são realizadas como desenho "cego", performativo, no qual o artista perde controlo do resultado final. São criadas através de uma coreografia violenta de movimentos que fazem com que a grafite, delimitada a atuar num espaço predeterminado, desenhe uma forma. Terminam quando o corpo esgotado não conseguir continuar com o movimento. O desenho, simultaneamente preciso e accidental, é o registo dessa performance, visualizável numa linha tangencial entre a grafite e o papel.

Poderíamos considerar que a criação é sempre um combate entre o material o e criador? Um momento de profunda intimidade entre os dois, uma colisão de individualidades, que termina com a exaustão de um ou de ambos? Ou então uma relação amorosa de dois seres individuais que se fundem numa superfície?

As ideias de tangente, de espaço limite de encontro e confronto, do toque como lugar de explosão, da essência da coexistência, mesmo que momentânea, delicadamente concentrada num ponto ou numa linha estruturais são centrais na obra de Diogo Pimentão. Sendo elas definidoras também da nossa relação com o outro, seja esse outro que entidade for, o desenho é para este artista um encontro e uma reflexão profundos, íntimos, físicos com e sobre o mundo e as energias que o habitam.

Diogo Pimentão's field of work is drawing, but in his work, he extends the traditional frontiers of this discipline, making them malleable and transporting drawing into the field of sculpture, installation, performance, video... in an exploration, which is as complex as it is daring and inventive, of what a sheet of paper and a piece of graphite can do.

Graphite and paper are his primary tools, as are his body and the space where the works inhabit. He is interested in the materiality of his tools; he dominates each one of them, but is fascinated by the possibilities they offer that are beyond his control.

He speaks of how a pencil is something profoundly simple and fragile. Something that we have all used, that adapts to each person's hand, that we carry in our pockets, wallets, behind our ears, that breaks easily, and that, in its fragility, has the potential to draw the world or write a revolution. All gardens fit in a green pencil, all words in a graphite one. Besides exploring the materiality of the drawing tools, more and more, his works offer a vision of the world: aggressive, but also hopeful.

Let us begin with soil. Three balls of soil with origins associated with the artist's biography: France, England and Portugal. Entitled *Hand*, this work opens the exhibition and immediately proposes a connection of drawing with the artistic gesture and the hand of the artist. A hand that shapes matter, transforms it, controls it, but

is profoundly influenced by it. The piece also speaks of matter itself as individual, autonomous, singular. Each piece of soil, each fragment of graphite, each sheet of paper is unique and different from all others.

Come arose from an accident in the artist's studio. The graphite tips, collected by Pimentão over the years, fell to the ground and in the stain it formed the artist found letters. This drawing, created during lockdown, suggests the perfect throw of dice showing the desired number, but ending up revealing unspoken anxieties instead. The letters h, e, l, p, w, i, l, l, c, o, m, e can be rearranged depending on who installs them. Up close however, the drawing undoes the letter and presents the object of its making.

Drawing takes on a sculptural charge: *Area (program)* is an installation of a set of small sculptures in cement, covered with graphite and bearing the artist's fingerprints printed during the drying process, and inscriptions transferred, at full scale, from his children's primary school books; *Walldrawing (notes)* is a drawing initially made on the wall of the artist's studio. Once completed, Pimentão tore the paint off the wall containing the drawing, transforming it into an impossible puzzle and transferring it to the gallery floor. Each piece carries with it the memory of both the gesture of its creation and the studio wall itself.

Wait (way #3 and #4) are monumental drawings - graphite-impregnated paper folded in on itself. The folds, meticulously made, transform the flat sheet into an oversized column, which acquires an apparently structural function of the building. By interfering with the architecture, it alters the reading and experience of the room. An intrinsically fragile master line, which is as real as it is imaginary, like so many others that

define our existence.

The tension between fragility and robustness permeates the entire exhibition; it is structural to the work both physically and conceptually. At times, the works on paper come to seem metallic, strong, grounding, unbreakable. Other times the fragility is vertiginous as in *Eventement (dessin)*: a shattered eggshell found on a walk, which could suggest either the hatching of a small bird and its release from its cocoon, or an egg violently attacked by a predator. Pimentão collects it and fills in its interior with graphite. He uses it as a support, showing on the one hand that everything can be seen as drawing and can be transformed by the artistic gesture, but, on the other hand, revealing the violence of the drawing act.

The ideas of the violent and transformative act, of exhaustion and excess are at the basis of the creation of the *Lumen* and *Rounding* series. Both are made as a “blind”, performative drawing in which the artist loses control of the final result. They are created through a violent choreography of movements that cause the graphite, delimited to act on a predetermined space, to draw a shape. The drawing is finished when the exhausted artist’s body is unable to continue the movement. The drawing, simultaneously precise and accidental, is the record of that performance, visible in a tangential line between the graphite and the paper.

Could we consider that creation is always a combat between the material and the creator? A moment of deep intimacy between the two, a collision of individualities, which ends with the exhaustion of one or both? Or is it a love affair of two individual beings merging on a surface?

The ideas of tangent, of the limit space of meeting and confrontation, of the touch as a place of explosion, of the essence of coexistence, even if momentary, delicately concentrated in a point or in a structural line are central in Diogo Pimentão's work. Since they also define our relationship with the other, whatever the other entity may be, drawing is for this artist a deep, intimate, physical encounter and reflection with and about the world and the energies that inhabit it.

C A S A D A C E R C A

Centro de Arte
Contemporânea

Contemporary
Art Centre

